REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 432

21 DE DEZEMBRO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

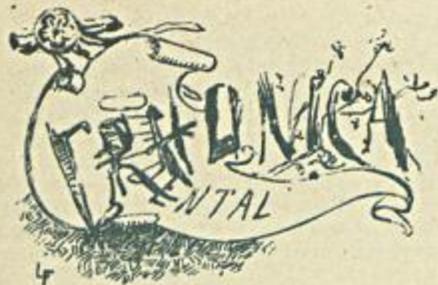
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRISTVS NATVS EST

1891

BOAS FESTAS

L. FREIRE

O NATAL (Desenho de L. Freire)

Este numero do Occidente é exclusivamente dedicado ao Natal: ao Natal será pois dedicada tambem exclusivamente a nossa chronica de hoje.

Deixemos em paz os acontecimentos dos dez dias decorridos para só nos occuparmos dos factos commemorados por esses oito dias que vão correr, esses factos que de ha muito a tradição transformou em festas — as festas do nascimento do Homem-Deus, e as festas do nascimento do anno novo.

Estas festas não são d'uma cidade só, d'um povo, d'uma raça: são festas do mundo todo, da humanidade inteira: não vem de hoje nem de hontem, vem já lá muito de traz, desde os principios aureos do christianismo as festas do natal, desde os primeiros seculos do mundo as festas do anno novo, festas cujo fundo essencial foi sempre o que ainda hoje é — o brinde, o presente, a consoada.

As datas d'essas festas variam segundo os kalendarios, os tempos, as civilisações, mas todas ellas tem por mesmo caracteristico — dar e receber.

Plutarco conta-nos que no antigo Egypto, na epoca em que o Nilo dava os primeiros indicios da sua bemfazeja cheia annual, os Egypcios offeciam-se mutuamente figos e mel, exactamente como nós offerecemos uns aos outros do Natal aos Reis broas e perús.

Uma esculptura de Denderah mostra-nos o rei de Pharao dando os fructos da terra á deusa Halthor no dia do anno novo, como nós no dia 2 de janeiro damos cinco tostões ao carteiro do nosso districto.

Na Persia a festa do principio do anno, do *nouvouz*, como ali lhes chamavam, celebrava-se no equinocio da primavera e durava seis dias.

N'esses dias não se fazia mais nada senão dar e receber presentes: grandes e pequenos, nobres e plebeus se occupavam n'este mister, e o rei que tambem andava mettido na festa, tinha no primeiro dia do Nouvouz, segundo conta Herodoto, a liberdade de se embriagar e de dançar publicamente defronte dos olhos do seu povo, o que no fim de contas não nos parece que para o povo fosse uma consoada por ahi além.

Entre os israelitas, o dia d'anno novo chamava-se Rosch-Haschana *(cabeça do anno)* e era e é celebrado tambem por troca de presentes.

Os antigos gregos mais espertos ou mais sovinas que todos os outros povos, não celebravam o anno novo, que para elles começa no solsticio do verão, mas em compensação os romanos faziamlhe festas brilhantes, e foi d'essas festas que veio a palavra *etrennes* com que os francezes designam os presentes do natal e do principio do anno.

Foi do kalendario de Julio Cesar que data o uso de fazer começar o anno no mez de janeiro, *januarius*, do nome de Deus Jano, e os presentes que entre si permutavam os romanos, constavam de figos seccos e de ramos de oliveira.

Esses ramos eram colhidos no bosque de oliveiras da deusa *Strenna* e d'ahi a etymologia de *etrennes*.

A etymologia conservam-n'a esses presentes, mas a simplicidade é que não, e evidentemente o meu cabelleireiro ficaria muito admirado e pouco contente se em paga da *Casta Diva* que a sua caixa de musica me moe aos ouvidos em quanto elle me apara a barba, eu lhe désse um tronco de oliveira, ainda que elle fosse colhido dos olivaes de Santarem, esses olivaes celebres de Portugal, companheiros inseparaveis de Secca e Meca.

A *etrenne* ou a consoada porém, não esperou pelo seculo XIX para se civilisar, civilisou-se logo ali mesmo em Roma; o ouro e a prata não tardaram em substituir o ramo e o figo, e já no tempo de Ovidio, o auctor da arte de amar, dizia algurés: «que era preciso ser muito ingenuo para acreditar que o mel é mais doce que o dinheiro.»

Chegaram mesmo a tomar proporções colossaes em Roma as *étrennes*, e quem ganhava com isso eram os imperadores, porque eram elles que recebiam prendas de todo o povo, e essas prendas eram de tanto ou tão pouco valor, que o imperador Augusto fazia com ellas idolos de ouro e prata.

Os gaulezes seguiam os mesmos costumes dos romanos, davam tambem como broas, ramos de arvore com a differença de em vez de serem de oliveira serem de carvalho.

A' medida que ás festas catholicas se foram substituindo ás festas pagãs, o presente do anno novo foi passando para o Natal, ou pelo menos alastrando até elle o seu periodo, mas a feição primitiva, o mel dos Egypcios, conservou-se por muito tempo e conserva-se ainda entre nós em alguns costumes do natal, e no vinho quente com que na provincia se festeja o natal, lá entra o mel a representar papel importante, do mesmo modo que ainda figura como base na confecção da antiga broa, da genuina broa, trigueira como pão de rala, dura como pedra, d'essa broa que a confeitaria moderna tem tentado substituir pela broa de ovos, sem o ter conseguido.

E aqui tem n'um rapido relancear d'olhos a historia da consoada atravez dos seculos.

Do mesmo modo que o presente do anno bom se confundio com a conçoada do Natal, as festas do Natal tem-se alliado em quasi todos os povos com as festas do anno novo.

A Inglaterra é uma das que mais conserva separada a festa do Natal de todas as outras festas, o seu *chrismas*, que é positivamente o reinado das creanças.

A creança é o senhor absoluto em Inglaterra no dia de *chrismas*.

E' para ella que se fazem as arvores de Natal, é para ella que as lojas preparam as suas *montres*, que os theatros organisam os seus espectaculos.

No natal não ha um unico theatro que não ponha em scena a sua pantomima, e os homens divertem-se tanto n'esses espectaculos como as creanças, e quem nunca viu inglezes assistindo á representação d'uma pantomima, por mais estupida que seja, diz Luiz Blanc, não sabe o que é a Inglaterra.

Nos Estados Unidos os costumes são quasi os mesmos e o Natal é solemnisado com as mesmas festas — a creança domina n'esse dia e é rara a casa por mais pobre que seja e onde haja pequenos, que não tenha o seu tronco de Pinheiro todo cheio de luzes e de bonecos.

Em Lima na noite de Natal *la noche buena* as festas fazem-se ao ar livre, como as nossas festas de Santo Antonio e de S. João. As praças publicas enchem-se de gente, ha descantes, illuminações. A *canja* de perú, as frituras fazem-se em grandes fogueiras no meio das ruas, e á meia noite ha missa do galo em todas as egrejas com grande concorrencia de fieis que fazem cauda até ao ultimo degrau, e depois passam o resto da *noche buena*, em danças, em descantes, em comes e bebes nas ruas e nas praças.

Na Russia, sobre tudo no campo, as festas do anno novo são muito originaes tem e conservam ainda um certo tom mystico e phantastico das festas pagãs perdidas no passado longiquo das raças slavas.

A consulta ao *Espirito do Deserto* é dos mais poeticos e estranhos d'esses usos de principio do anno.

No dia 31 de dezembro quando o sol se tem afogado nos pallidos horisontes todos cheios de gelo, a rapariga mais bonita da aldeia, ou do logarejo, vestida com o seu mais festivo trajo, os cabellos em trança pelas costas abaixo, sae de casa, ás escondidas dos paes, com um cyrio na mão e dirige-se para os campos.

As outras raparigas do lugar esperam a sua passagem á porta das suas respectivas casas e juntam-se a ella, e quando chegam ao fim da aldeia formam já uma verdadeira procissão.

Ahi a mais bonita, a primeira que sahiu de casa, a que tem o cyrio e que é a eleita do Senhor, accende o *cyrio da salvação* e ao passo que as outras entoam em côro um canto mysterioso, embrenha-se na floresta.

A's vezes, no meio do silencio da noite ouve os urros lugubres do lobo, o grito estridente das corujas, mas nada a assusta, nada a detem e caminha direita á arvore sagrada, ao mais velho dos carvalhos — aquelle em que habita o Espirito do Deserto.

Ahi, n'essa solidão em que se ouve apenas o ruido dos seus passos sobre a neve, a eleita ajoelha, persigna-se tres vezes curvando a cabeça, e d'uma bilhinha de barro que tem trazido escondida despeja umas gotas de leite e mel ao pé da arvore e uma moeda de cobre. Depois erguendo-se bruscamente canta uma cantilena em acção de graças, cuja lettra mystica faz lembrar vagamente uma estrophe do antigo livro dos Vedas.

Terminado o seu *psalmo do sacrificio* a virgem espera o seu cyrio accesso no sitio da sua libação lactea e affasta-se, recuando, sem voltar as costas, como se estivesse defronte d'um altar sagrado.

Nos paizes scandinavos na noite do Natal todos os templos apparecem juncados de palha, como nos tempos pagãos na epoca do Jul, e os camponezes e os lavradores juncam tambem de palha os seus campos, porque é uma crença supresticiosa entre todo o povo scandinavo, que os animaes que comem palha na noite de Natal ficam livres de molestias e que a terra atapetada com palha n'essa noite sagrada produz mais que todas as outras.

Uma outra crença muito curiosa dá logar a uma scena originalis ima na noite de Natal.

Essa crença diz que o primeiro lavrador que chagar a sua casa depois da missa da meia noite, será aquelle que terá melhor colheita no anno, e então é de ver, ao acabar a missa, a carreira desenfreada de todos os fieis, que se acotovellam, que se empurram, que se atropellam para chegar primeiro a casa, onde os esperam á ceia do Natal — ceia em que figuram todos os guisados da cosinha scandinava — porque como dizem os povos do norte «A noite do Natal é a noite em que se come tudo» — mas dominando todas as mais o bolo do Natal *(julkuse)* uma especie de pão, na composição do qual entra tambem o mel — o mel que em todos os tempos e em todos os paizes figura nas festas do natal e do anno bom!

Para os povos do norte a noite de Natal, como dissemos e como elles proprios dizem, é a noite em que se come tudo e tambem a noite em que se bebe tudo, e é vulgar no fim d'essas ceias de familia ficar tudo debaixo da mesa.

Temos que terminar este nosso passeio pelos diversos paizes nas noites de Natal e de anno bom, porque o mundo é grande e a chronica tem de ser pequena, mas não terminaremos sem visitar a China, onde as festas do anno bom são de uma magnificencia enorme e sobretudo de uma duração que faria a felicidade de todos os nossos empregados publicos.

Para o commercio e para a industria essas festas duram dez dias, mas para a administração publica duram o mez todo.

Um mez inteirinho e entregado estão fechadas as secretarias d'Estado e suspenso todo o despacho official!

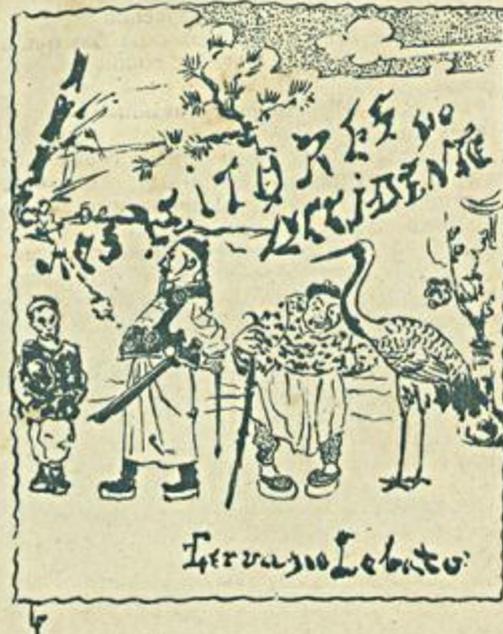
Os chinas em vez de matarem perús, matam capões — é a ave do anno bom — e em vez de trocarem entre si bilhetes de visita, trocam verdadeiros quadros impressos ou pintados á mão, representando todos o mesmo assumpto: — uma creança, um *mandarim*, e um velho ao pé d'uma cegonha.

Estas tres figuras são allegoricas e representam as tres felicidades maiores que um chinez pode ambicionar.

Um herdeiro (a creança). Um emprego publico (o mandarim). Uma longa vida (o velho ao pé da cegonha, a qual para os chinas é o emblema da longevidade).

E aqui está como no fim de tudo nós lisboetas nos parecemos immenso com os chinas.

O emprego publico é a febre do nosso paiz, e embora nos nossos bilhetes de boas festas não appareça nenhuma allegoria a esse respeito, não ha ninguem em Lisboa que dê as boas festas ao seu vizinho, ao seu superior, que não tenha lá dentro de si, mais ou menos escondido, um mandarimsinho.

E fechando a nossa chronica acabal-a-hemos á chineza, enviando a todos os nossos leitores o nosso bilhete de visita:

UM BRINDE DE ANNO BOM

(CONTO SOCIAL)

A caridade, essa doce e meiga filha do ceu, collocou um dia n'uma casa argentaria da primeira cidade da Europa, na qualidade de porteira, uma desgraçada viuva, que ha pouco havia perdido o marido, de quem herdara apenas um nome honrado e um filho pequenito, quasi nu.

Andava a criança, n'esse tempo, pela mesma edade, pouco mais ou menos, que a do filho do argentario, que soccorrera a viuva sem a humilhar.

Com a simplicidade propria da infancia, que aproxima os seres pequeninos por uma instinctiva sympathia, as duas crianças ligaram-se e amaram-se sem que lhes fossem estorvo os preconceitos de classe ou de fortuna, que tão profundamente os separava.

Em pouco tempo riam e brincavam juntos com uma intimidade invejavel, como verdadeiros camaradas nas lides incansaveis do fazer e desfazer d'esses mil nadas infantis, que nos deixam tão vivas e saudosas recordações nas horas laboriosas da nossa vida de homens reflectidos.

O argentario, que consentia de bom grado n'aquella intimidade, que lhe trazia ao espirito pensamentos d'uma epocha, que via com saudades distanciar-se mais e mais, notara por vezes a vivacidade d'espirito do filho da viuva, que parecia destinado pelo nascimento á obscuridade e, talvez, á indigencia.

Uma noite, era vespera de anno bom, a familia do proprietario estava, depois do jantar, reunida em volta d'um bello lume, que crepitava no fogão, emquanto que lá fóra o mez de dezembro fazia as suas pouco saudosas despedidas com umas rajadas de vento frigidissimo e algumas gottas de agua nevada.

Aproveitando o contraste do conforto com a desgraça, o chefe de familia, conchegando o casaco de pelles e lançando novo combustivel sobre o fogo, fallava com o filho fazendo-lhe comprehender a felicidade e o bem estar dos que a sorte collocou desde o berço em condições previlegiadas.

— Filho, dizia elle, não esqueças nunca no meio das tuas alegrias e dos teus prazeres, agora infantis, os desgraçados que soffrem! N'este momento em que levantando-te da mesa, onde achaste com que satisfazer plenamente o teu appetite, vieste aquecer-te ao calor do fogão que amenisa a temperatura do meio em que nos achamos, e no seio consolador da familia; ha lá fóra muitos orphãosinhos, que não comeram ainda hoje, e que terão por unico leito a gelida lage do passeio das ruas. Tu, que nasceste na abundancia, lembra te d'este grande favor da sorte, que te impõe deveres egualmente grandes!... Na tua vida divide sempre o tempo e a fortuna em duas partes, e que uma d'ellas seja invariavelmente destinada a soccorrer os teus irmãos desgraçados...

Assim fallava o pae. A esposa escutava-o com um sorriso de bondade, e o filho pensativo, fitava as achas crepitantes no fogão...

Houve um momento de silencio.

O chefe de familia, attentou no estado meditativo do filho, e, como para d'elle o despertar, acrescentou:

— Fallemos de coisas mais alegres... Estou satisfeito com a tua applicação ao estudo, com a tua docil obediencia a teus paes e superiores, e estou por isso disposto a ser generoso comtigo .. Que desejas que te dê no primeiro dia do anno novo?

O rosto da criança exprimiu desde logo um desejo ardente, mas a bocca ficou muda; os labios moveram-se, mas não articularam um som.

— Porque te calas?. . Vacillas na escolha?

A criança tomou alento:

— Desejo que meu bom pae patrocine a educação litteraria do meu amiguinho, o filho da porteira... Se soubesse como elle tem vontade de instruir-se!... Empresto-lhe os meus livros, mas quanto mais lê mais se entristece por não poder frequentar as escolas... Dizia ha pouco o meu bondoso pae, que devemos ter desvellos com os que precisam, e, por isso, as suas palavras fazem-me esperar que me dê esta recompensa, que supplico, pelo bom conceito que tenho sabido conquistar.

A mãe apertou ao peito o filhinho e beijou-o affectuosamente, com visivel e profunda commoção.

—Não diz nada, papá? Não ficou satisfeito com a minha exigencia?

— Olha bem para mim, disse o pae, puxando-o para si, e mostrando-lhe as faces por onde rolavam duas grossas lagrimas, que lhe subiam do coração aos olhos...

Foi assim que o filho da porteira teve uma instrucção completa, sendo os seus esforços sempre dignos da generosidade do bemfeitor.

O filho da pobre viuva é hoje na grande cidade o chefe e director d'uma das suas principaes industrias.

A. Motta.

TREZ CORCUNDAS

Possidonio Estacio Pereira da Siva Purgueira era corcunda e tinha por desgraça, ou para consolação, dois irmãos egualmente corcundas chamando-se, em referencia ao Possidonio, o mais velho Pancracio e o mais novo Prudencio.

Possidonio casou com D. Anna de Alcapirras, fidalga solarenga dos antigos feudos de Rodam-Rodrigo.

Realisado o consorcio de Possidonio com D. Anna, e observadas as praxes inherentes a tão altos personagens, parecia tudo correr no melhor dos mundos possiveis, como diz o sr. Luiz de Araujo.

Dos irmãos de Possidonio. Pancracio era jogador e Prudencio embriagava-se, d'ahi, a razão porque Possidonio deu a sua esposa, D. Anna, a ordem terminante de não consentir em sua casa os ditos Pancracio e Prudencio.

Este pouco pendor de Possidonio para seus irmãos Pancracio e Prudencio attribuia muita gente do logar de Alcapirras, onde se passa a scena dramatica que tentamos descrever, aos desgostos causados ao illustre conselheiro (porque Possidonio como é natural era conselheiro) Possidonio Estacio Pereira da Silva Purgueira pelas tranquibernias do Pancracio e pelas indignas baixezas das bebedeiras do Prudencio.

Sua esposa a sr.ª D. Anna de Alcapirras, bene-

vola, coração brando, dado a actos de dedicação expontanea, não poude resistir quando, um dia em que o conselheiro Possidonio tinha de deixar o lar da familia e aproximar-se dos Paços da Publica Administração, lhe disse em tom burocratico:

— D. Anna de Alcapirras, seu esposo parte hoje para longe em serviço do Estado, não me deixes as portas abertas... cuidado com os gatunos e com os marrecas.

O conselheiro Possidonio partiu e não houve gente do logar que não mostrasse a dôr causada pelo apartamento de varão de tão singulares qualidades.

Não era porém D. Anna de Alcapirras inferior em dotes de coração a seu marido, o illustre conselheiro, senhor da casa de Pereira da Silva Purgueira; por isso que, a pouca distancia de casa iria o conselheiro Possidonio, já D. Anna não sabia como resistir ás lamurias de seus irmãos, o bebedor Prudencio e o batoteiro Pancracio.

Não poude resistir, e a prova é que cedeu mandando accommodar, nas espaçosas adegas da casa Pereira da Silva Purgueira, o Prudencio e o Pancracio.

Deu-lhes a boa senhora D. Anna um bello agasalho.

A breve trecho porém, chega Possidonio, e aqui começa o drama...

D. Anna de Alcapirras sabendo a má vontade do conselheiro Possidonio contra seus irmãos pelos motivos atraz relatados, buscou e encontrou meio de os avizar a que partissem immediatamente.

Thomaz, um palafreneiro estimado no solar dos Pereiras da Silva Purgueira, corre a participar a D. Anna que seus irmãos estavam no mesmo estado que Noé o celebre patriarcha.

Era D. Anna de Alcapirras senhora de acção, e acto continuo mandou chamar um homem do povo, um villão, para que levasse Pancracio para sitio distante.

Ora os irmãos de Possidonio eram o retrato vivo d'este, já pela corcunda, já pela intelligencia.

O villão levou para distante Pancracio.

E emquanto aquelle seguia com o pezado fardo, pensava a D. Anna:

— E se eu pozesse o Prudencio no sitio em que estava o Pancracio?

E assim fez.

Volta o serviçal da missão. E ella muito lepida:

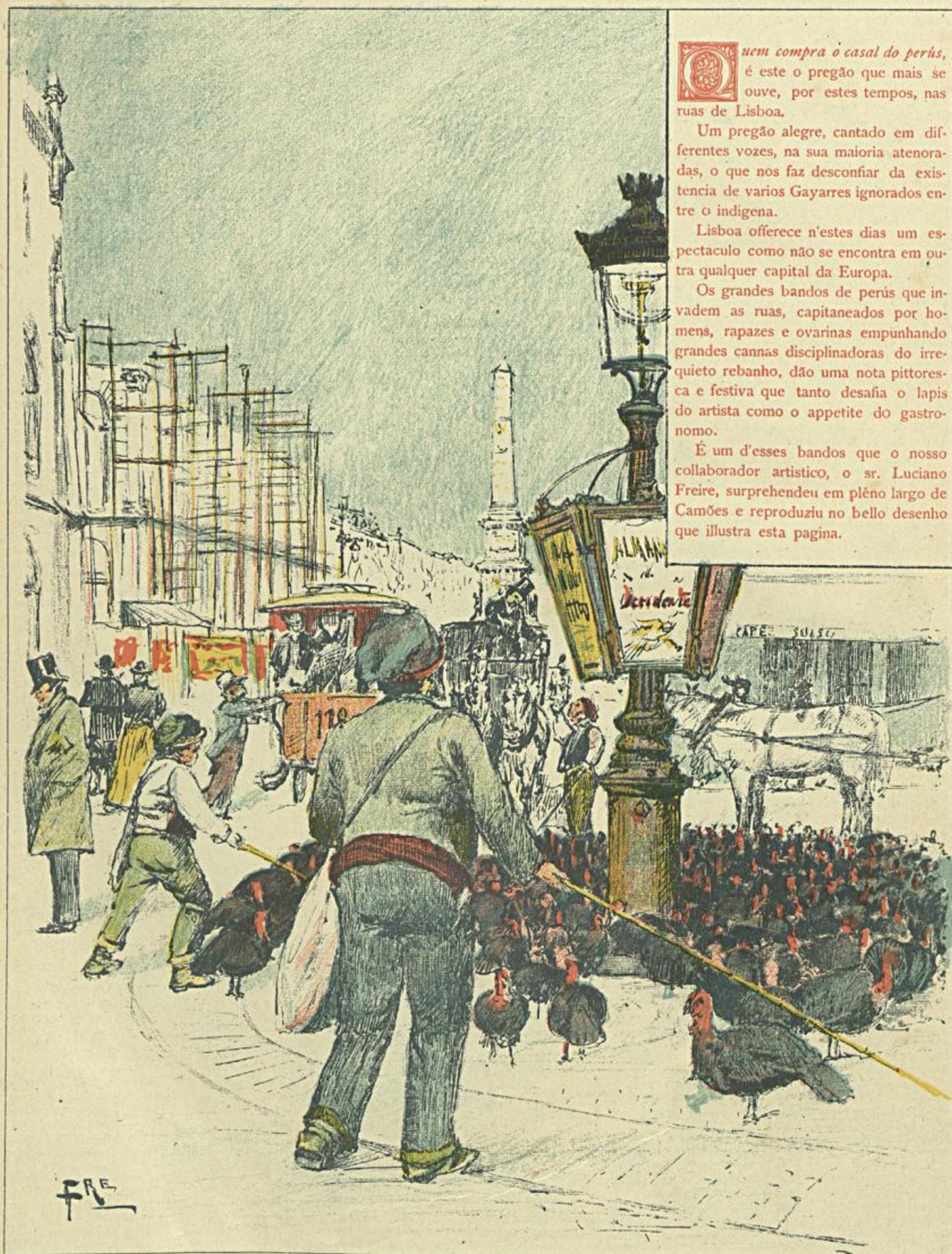
— Então assim é que fizeste o recado?

O moço muito admirado cuidou endoidecer mas viu *effectivamente* ali, a seus pés o mesmo individuo que pensava ter deixado a grande distancia. Não reclamou, e limitou-se a, pachorrentamente de má vontade, levar o Prudencio a maior distancia do que o primeiro frete.

No caminho porém a sua teimosa incredulidade sempre o fez dizer:

— Agora se encontro outro Prudencio paga por todos.

Cumprio como da primeira vez, honestamente, a sua incumbencia, e dirigiu-se para D. Anna de Alcapirras a receber a totalidade dos pezados fretes que tinha feito n'aquelle dia.

N'este meio tempo, Possidonio, desconfiando os ares assustadiços e dos tons distrahidos de

Quem compra o casal do perús, é este o pregão que mais se ouve, por estes tempos, nas ruas de Lisboa.

Um pregão alegre, cantado em differentes vozes, na sua maioria atenoradas, o que nos faz desconfiar da existencia de varios Gayarres ignorados entre o indigena.

Lisboa offerece n'estes dias um espectaculo como não se encontra em outra qualquer capital da Europa.

Os grandes bandos de perús que invadem as ruas, capitaneados por homens, rapazes e ovarinas empunhando grandes cannas disciplinadoras do irrequieto rebanho, dão uma nota pittoresca e festiva que tanto desafia o lapis do artista como o appetite do gastronomo.

É um d'esses bandos que o nosso collaborador artistico, o sr. Luciano Freire, surprehendeu em plêno largo de Camões e reproduziu no bello desenho que illustra esta pagina.

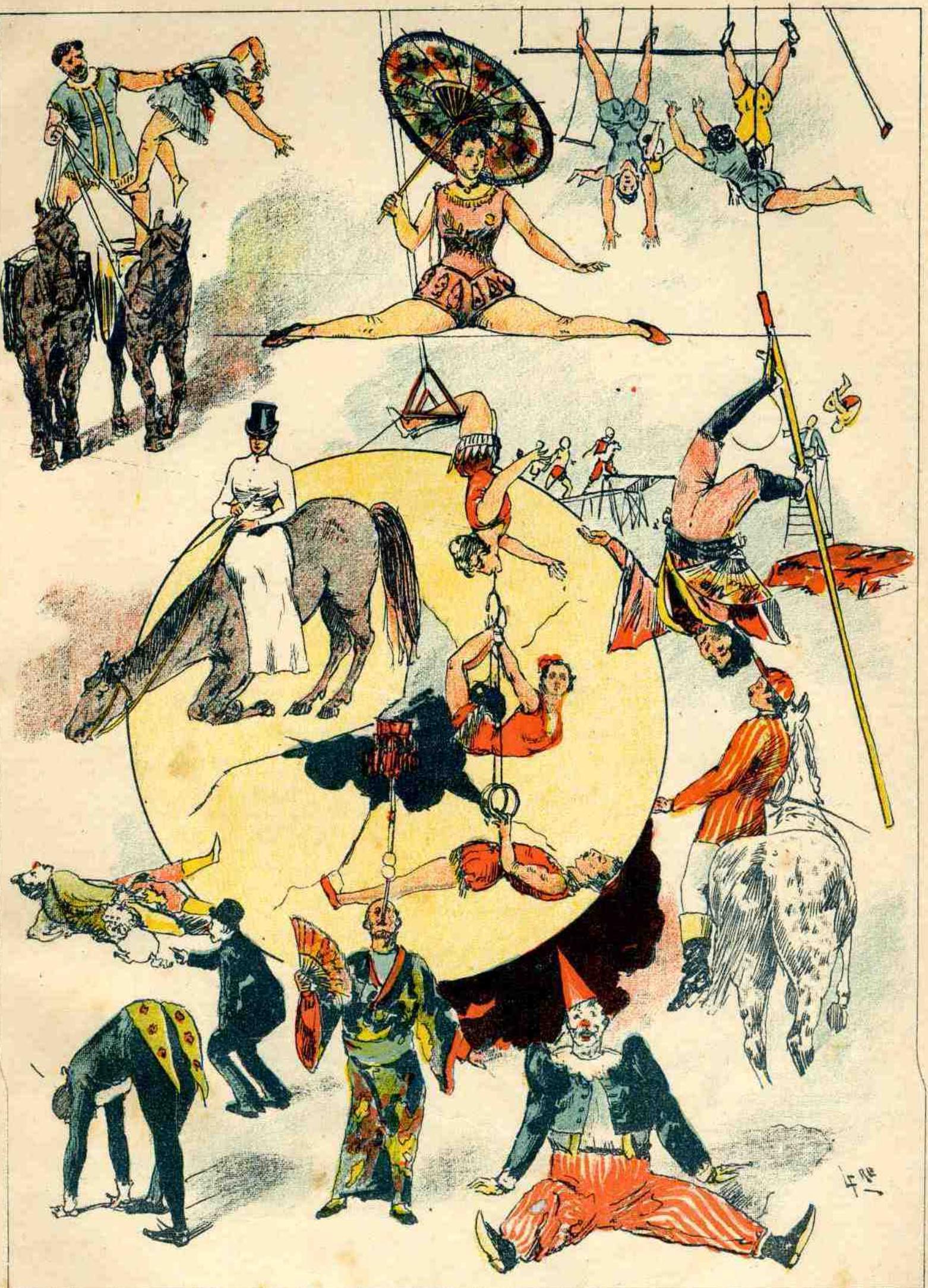
OS VENDEDORES DE PERÚS (Desenho de L. Freire)

SUPPLEMENTO AO N.º 432 DO OCCIDENTE
21 DE DEZEMBRO DE 1890

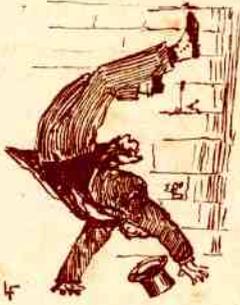
BELLAS ARTES

Adolpho, Modesto & C.ª — *Impressores*.

Um ninho no Bosque

Quadro de Souza Pinto — Gravura de Baude

UMA NOITE NO COLYSEU DOS RECREIOS (Desenho de L. Freire)

sua esposa, rondava as immediações da casa. E foi assim que viu um dos irmãos ás costas do homem.

O villão, que regressava da segunda conducção de corcundas, vê Possidonio... estaca como que petrificado! Dar se-hia o caso que os corcundas se multiplicassem como no milagre dos pães da Escriptura? Nada, agora é que não estava disposto a carregar com outro; e portanto o meio de resolver a questão era agarrar no conselheiro e atirar com elle a um poço proximo, d'onde com certeza não voltaria pelo seu pé... Dito e feito!...

O pobre Possidonio Estacio Pereira da Silva Purgueira quando se achou no fundo do poço sentiu que se apartava d'este vale de lagrimas e saíu-lhe este grito sincero:

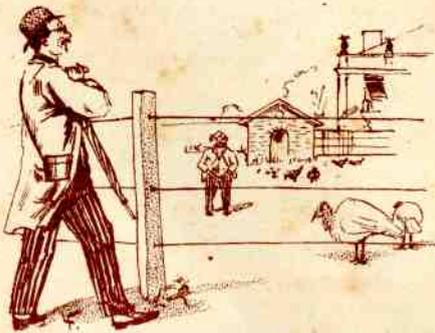
— E é por ser corcunda que morro!...

Manoel Barradas.

Hoje já por ahi ha alguns casaes, já não são precisamente uma raridade, mas aqui ha quinze annos, perús brancos eram uma raridade em primeira mão.

Um amigo meu, o Saraiva, que vive ainda e que teve já o bom senso de se deixar d'isso, era ao tempo um fanatico por aves raras e gastava rios de dinheiro e mundos de paciencia, para ter no seu quintal da rua da Vinha, um verdadeiro museu de tudo o que havia de mais extravagante, de mais exotico, de mais raro em creação, um aviario como não havia segundo em todo o reino.

Uma das suas maiores ambições era ter um casal de perús brancos, então tão difficeis de encontrar como o celebre melro branco tão fallado, e andou a correr Secca e Meca e olivaes de Santarem á procura d'essa maravilhosa raridade

Quando já desesperava de encontrar perús brancos vae por acaso no verão ao Minho, e em Valença avista um casal dos taes perús.

Vel-os e querer compral-os foi obra d'um momento.

O dono d'elles porém era outro fanatico como elle e por preço nenhum lh'os quiz vender.

A recusa fez redobrar a insistencia, e o Saraiva chegou a offerecer sommas perfeitamente idiotas pelo casal dos perús.

Felizmente o outro não era mais atilado, pôz os pés á parede e nem á mão de Deus Padre quiz vendel-os.

Duraram oito dias essas negociações e por fim o dono dos perús, percebendo que não havia modo algum de se ver livre do homem, transigiu um bocadinho.

— Os perús não lh'os vendo, mas visto fazer tanto empenho, vendo-lhe esses ovos que ali tenho d'esta raça.

O Saraiva exultou.

Não era bem aquillo que elle queria, mas em summa era já alguma coisa.

Comprou meia duzia d'ovos, por um preço exhorbitante, um preço porque podia passar toda a sua vida a sustentar-se de omolletes.

Comprou os ovos e ia a embarcar para Tuy a fazer a sua viagem da Galliza, viagem mais de negocio que de recreio, que o obrigára a sair de Lisboa e a emprehender essa medonha jornada então ainda feita em mala-posta e em diligencias.

Quando atravessava o rio Minho, já a meio do rio um passageiro que ia no barco põe-se em pé para ver o espectaculo das margens portuguezas, e zás! tropeça no sacco de noite do Saraiva.

Este solta um grito dilacerante: abre o sacco e empallidece.

O pé do passageiro amante do pittoresco, quebrára-lhe dois dos ovos!

O que não tem remedio remediado está, é verdade, mas que a experiencia é a grande mestra da vida, não é tambem menos verdade, e o Saraiva toma logo ali, antes de pôr pé em terras de Hespanha, uma resolução: — não seguir viagem.

Tinha negocios importantes a tratar em Vigo, era verdade, mas só tinha já quatro ovos, e valia mais um gosto que oito vintens.

Quando chegou á margem de lá, não se apeiou. Voltou no barco para Valença e d'ahi seguiu immadiatamente para Lisboa, não se demorando em ponto nenhum, não se separando um minuto do seu sacco de noite, tomando em cada deligencia sempre dois logares, para não lhe quebrarem os ovos.

Chegou a Lisboa e a primeira coisa que fez foi procurar uma gallinha choca.

Encontrou-a.

Deitou-a immediatamente com os quatro ovos e durante tres semanas quasi que não saiu de casa, de sentinella á gallinha, não fosse ella má mãe, não quebrasse os ovos em que fundava tadas as suas esperanças, a que sacrificára todos os seus interesses.

A gallinha portou-se bem, e o Saraiva deu como largamente compensados todos os seus sacrificios ao ver no 22.º dia sair dos ovos quatro perusinhos que não tinham um unico cano preto.

Mas então é que redobraram os cuidados, porque o perigo redobrava tambem, e o Saraiva passou semanas, mezes, a picar ortigas, a fazer acepipes para alimentar os tenros perusinhos, cuja vida n'esses primeiros tempos é tão arriscada.

O momento do perigo grande chegou: — o nascimento dos coraes.

E apesar de toda a sollicitude materna do Saraiva, apesar das noites perdidas a agasalhar as adolescentes avesinhas, os coraes atiraram com dois de pernas para o ar.

Restavam só dois, mas feliz no meio da sua infelicidade, o nosso amigo constatou com raro jubilo, que esses dois sobreviventes da meia duzia eram um casal, macho e femea, perú e perua.

Passado o perigo dos coraes tudo correu ás mil maravilhas.

Os perús começaram a crescer a olhos vistos e no fim de dois mezes o seu aviario tinha a honra de possuir um formoso casal de perús brancos, o mais bello e mais raro exemplar da sua collecção.

Por esse tempo um visconde das suas relações fez-lhe um favor, um favor enorme.

O Saraiva cheio de reconhecimento andou a matutar oito dias como havia de pagar esse favor.

E por uma d'essas heroecidades que só a gratidão inspira, o Saraiva com os olhos marejados de lagrimas, pegou no casal de perús brancos e mandou-os ao visconde.

— Elle é um homem fino, de boa sociedade, intelligente, ha de comprehender o valor inestimavel do meu presente, e dar-lhe o devido apreço.

E por um requinte de amabilidade não quiz mandar-lhe pedir que lhe guardasse uns ovos da segunda postura d'esse casal.

— Nada! Na carta não é bonito mandar-lhe pedir os ovos. Isso depois! Quando elle me agradecer, então peço-lh'os.

*
* *

D'ali a dois dias encontrou o visconde na rua.

O visconde abraçou-o e agradeceu-lhe o presente:

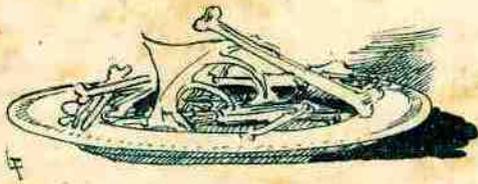
— Muito obrigado pelos seus perús.

— Oh! não tem de que, sr. visconde. São bonitos, hein?

— Não são feios, mas quer que lhe diga? gosto mais dos pretos. São mais gostosos..

— Mais gostosos? pergunta o Saraiva empallidecendo, sentindo os cabellos porem-se-lhe em pé. Porque! o sr...

— Comi-os hontem, o perú e a perua,.. mas eram muito desconsolados! os pretos são muito melhores!

Gervasio Lobato.

O conselheiro F. vivia como um principe a que nada faltava a não ser as rendas para assim viver. Isso, porém, parecia não o incommodar muito, porque a sua *philosophia* era superior a essas pequenas miserias que se fundam no vil metal.

D'isto resultava uma constante corrida de credores á porta, e muito poucos se gavavam de não romper as sollas debalde e apanharem algumas meias corôas por conta dos fornecimentos, alguns feitos em meias corôas tambem.

Um dia, aconteceu que um credor mais atrevido e menos resignado com a sorte, que fazia com que o conselheiro nunca estivesse em casa quando elle o procurava, bateu-lhe á porta.

A criadagem tinha sempre uma unica resposta para os credores que lhe procuravam pelo amo:

— O sr. conselheiro não está em casa.

E ás horas de jantar:

— O sr. conselheiro foi jantar fóra.

O insuffrido credor, porém não attendeu a resposta do criado, e como este descuidadamente deixasse a porta aberta, entrou por ali dentro sem nada o deter.

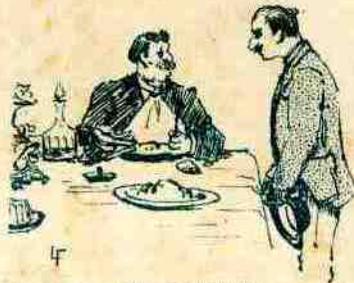
Ao fim d'um corredor achou outra porta aberta e entrou tambem. Era a sala de jantar.

O conselheiro F. sentado á mesa, principescamente decorada, mettia o garfo a uma soculenta perna de perú capaz de tentar o mais abstinente, e sem dar pelo credor, que o cumprimentava com o melhor dos sorrisos, como quem vinha em hora de fortuna, continuou saboreando a bella vianda, na mais feliz tranquillidade.

— Dá-me licença sr. conselheiro, implorava pela terceira vez o importuno hospede, já muito proximo da mesa.

E atravez dos bellos crystaes de Bohemia e dos formosos *boquets* que ajardinavam aquelle altar da gula, o conselheiro viu então a descermoniosa visita que assim vinha interromper o seu jantar.

— Por aqui sr. Gregorio? disse o conselheiro com a bocca cheia de bom calção de perú, e continuando a mastigar imperturbavel, acrescentou:

— Vem em má occasião sr. Gregorio; que o diga esta victima que estou devorando, e n'isto

atirou-se ao bom peito recheiado.

— Completa baixo de fundos sr. Gregorio, tanto em baixo, que por não ter que dar de comer a este pobre diabo que me mandaram de presente, resolvi matal-o, para elle me dar a mim o que eu não lhe podia dar a elle.

Caetano Alberto.

UMA NOITE NO COLYSEU DOS RECREIOS

Chamava-se áquillo os *Cavallinhos*.

Um barracão disposto precisamente no terreno hoje occupado pelo palacio em que reside o sr. conde de Almedina, na Avenida. Um barracão de aspecto funebre, lembra-nos bem, todo preto do breu que o revestia por fóra pouco menos preto por dentro do fumo das luzes obrigadas a azeite de peixe.

Por fóra um tumulo, por dentro um inferno.

Era ali que a Lisboa de então se divertia muito sobriamente, sentada em uns bancos formados de taboas pregadas em topos de barrotes, fazendo equilibrios para não cahir, e de guarda chuva aberto porque o esboracado tecto do barracão tanto deixava entrar o *clair de la lune* como as cataractas do ceu se ellas se abriam.

Que distancia nos separa dos *Cavallinhos* do largo da Annunciada, do explendido Colyseu seu visinho da rua de Santo Antão Quasi meio seculo; meio seculo em que esta pacata Lisboa que foi, se tem transformado n'uma pequena Paris que é.

Foi gradual a transformação.

Quando desappareceram os *Cavallinhos*, ficou a velha praça do *Salitre*, onde M.me Tournur dava os primeiros espectaculos nocturnos que se realisaram n'aquella praça, que nos seus primeiros tempos foi arena tauromachica.

Depois veio o *Circo Price* postar-se na sua frente, como uma provocação ao arruinado pardieiro, onde a erva crescia generosamente regada pela chuva.

Thomaz Price fez depois levantar um novo circo sobre as ruinas da velha praça, mas o camartello municipal demolio este e o outro, para abrir a Avenida da Liberdade,

Mas porque o logar fôra destinado ao prazer, lá está, pouco mais ou menos no mesmo sitio, o *Theatro da Avenida*.

Vieram então os *Recreios Withoyne* com o seu *Colyseu* e o seu theatro alegrar a solidão e tristeza da matta dos Condes de Castello Melhor.

Mas os *Recreios* tiveram que ceder o logar á estação central dos caminhos de ferro, e lá se foram ate. á rua de Santo Antão transformados n'um explendido circo que nos não faz invejar o que lá por fóra ha de melhor no genero. [1]

É n'este circo que hoje Lisboa se diverte, como não se divertiram nossos avós. E' aqui que passa as suas noites rindo dos palhaços Tonino, Bébé e Antony, admirando o *jongleur* Awata ou a *troupe* Zea, enthusiasmando-se com o *jockey* Renz ou com a *écuyer* Jenny, surprehendendo-se ante o temerario trabalho de Kichee, um japonez, que n'um bambu pendurado a toda a altura do circo, toma as mais difficeis posições ora segurando-se com as mãos ora com os pés; assistindo emfim aos exercicios mais imprevistos dos primeiros gymnastas do mundo.

E' ali que as crianças de Lisboa encontram o espectaculo mais divertido que lhe pódem dar, nas *matinées* dos dias santificados, e porque este numero do Occidente lhe é mais em especial dedicado, ellas encontraram na nossa estampa alegres lembranças das horas felizes que ali tem vivido.

C. A.

[1] Vid. Occidente n.º 421.

O NOSSO SUPPLEMENTO

UM NINHO NO BOSQUE

Quadro de Souza Pinto

Souza Pinto é hoje um nome consagrado no mundo da arte, entre os dos mais distinctos artistas portuguezes ou estrangeiros.

Affirma-o o exito das suas exposições no *Salon*. Fala d'elle a critica franceza, apreciando as suas obras, n'aquelle meio das artes aonde concorrem os artistas de todo o mundo.

E' pois, uma gloria portugueza este artista. A elle vamos pedir o supplemento artistico com que n'este numero brindamos os nossos assignantes, reproduzindo um dos seus quadros mais modernos — *Um ninho no bosque*, — que é um dos mais bellos quadros que este anno figurou no *Salon* e de que a imprensa parisiense se occupou com louvor, sendo reproduzido em quasi todas as illustrações de Paris e no *Figaro-Salon*, onde só se reproduzem as melhores obras da exposição.

N'isto está a melhor critica do quadro, que de resto não conhecemos no original.

O quadro falla por si para que precise de apresentação.

As duas crianças, talvez irmãos, deitaram-se sobre a fofa relva do bosque onde a primavera floresce.

Apeteceu-lhes aquelle descanço tão natural no campo, e porque a cama que a natureza ali lhes offerece é talvez mais commoda do que aquella em que ordinariamente se deitam todas as noites.

E na liberdade plena que ali gosam, respirando o ar saudavel do bosque, vêem crescer junto de si as flores, filhas da terra como elles, n'uma fraternidade feliz, no seio da mãe commum, tão felizes quanto affastados do viver artificial das cidades.

C. A.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Á similhança do que usam as illustrações estrangeiras, resolvemos que o ultimo numero d'este anno, fosse como aquellas costumam fazer, um numero mais puramente litterario e artistico, dedicado principalmente ás crianças de quem são as festas com que se celebra o nascimento do Redemptor e o do Anno Novo.

Assim supprimimos n'este numero as secções de *Revista Politica*, *Resenha Noticiosa* e *Publicações* para deixarmos todo o espaço aos contos illustrados com que brindamos os nossos leitores, certos de que lhes não desagradará esta alteração.

Sem pretendermos encarecer as difficuldades com que luctamos para a publicação d'este numero e as enormes despezas a que o mesmo nos abrigou, bastará dizer que é uma innovação, para que facilmente se comprehendam as difficuldades e despezas que nos assoberbaram, e se nos releve quaesquer faltas que se possam notar n'este trabalho que temos a honra de submetter á apreciação do publico.

O desejo de sermos tão agradaveis quanto gratos aos nossos dedicados assignantes e ao publico, que desde o principio d'esta empreza nos tem auxiliado com a sua valiosa protecção e que nos animou a irmos alem do nosso programma e dos nossos encargos, mas por compensados nos daremos se conseguirmos continuar a merecer o mesmo favor com que o publico nos tem distinguido até aqui.

A Empreza.

AVISO

Com este numero do Occidente *é distribuido, alem da capa de papel, indices e frontispicio d'este volume, um supplemento gratis a todos os srs. assignantes* — Um Ninho no Bosque, *quadro de Sousa Pinto.*

Para facilitarmos quanto possivel a acquisição avulso d'este numero, resolveu a Empreza vendel-o a 200 réis com o supplemento.

BRINDE AOS NOVOS ASSIGNANTES

Os novos assignantes para o anno de 1891 que tomarem a assignatura por todo o anno e a satisfizerem por inteiro, receberão como brinde o presente numero do Occidente *com o supplemento.*

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro 25 [illegible]

NA «MONTRE» DE ELIE BENARD (Desenho de L. Freire)

Como faz bem á alma gozar essa alegria expontanea e communicativa que as crianças manifestam por esses mil nadas, que fazem a sua felicidade infantil.

As bonecas que choram, as que dizem mamã, papá, as que movem os olhos e as que andam, os palhaços que emitam em seus movimentos os *clowns* do circo, os combois em miniatura que volteiam na casa, os bonecos amoladores, os que engolem prussianos com uma voracidade tão insaciavel como só a poderiam ter os francezes, os exercitos de soldados de chumbo e as mobilias lilliputianas, essa serie interminavel de *bijous* que a industria todos os dias offerece aos seus pequenos consumidores, é hoje para as crianças das grandes cidades uma necessidade que o progresso tem sabido criar, e em que a arte muitas vezes se manifesta com apreciavel engenho e gosto.

E que é muito que as crianças se enthusiasmem e ambicionem possuir aquelles brinquedos, se afinal tambem nós lhe achamos graça, se elles tambem nos fazem ser crianças quando brincamos com nossos filhos, quando com elles gosamos dos seus folgores infantis, n'uma alegria commum.

E' que a humanidade apesar dos seus cabellos brancos não deixa de ser a eterna criança, que tanto é explorada pelos que fabricam brinquedos para a sua infancia, como pelos que lhe preparam desillusões para a sua velhice.

Entre uns e outros preferimos os innocentes brinquedos, que fazem os dias mais alegres da nossa existencia, e porque estes dias são de festa e a criança tem o melhor quinhão n'essa festa, ahi lhe apresentamos a *montre* do sr. Elie Benard, onde os bébés encontram com que satisfazer a sua pequena phantasia.